

Parque Nacional
Monte Roraima
No mundo perdido

O tempo está parado no alto de algumas montanhas do sudeste da Venezuela. Não são montanhas pontiagudas, verdejantes ou nevadas como as que estamos acostumados a contemplar. Nem fazem parte de cadeias com alturas monumentais, como os Andes e o Himalaia — as mais altas ali não superam os 3.000 metros. Também não existem montanhas iguais em nenhum outro lugar do planeta.

Nascidas num tempo remoto em que a vida da Terra nem sequer engatinhava, há quase uma centena delas entre as florestas e savanas venezuelanas, invadindo a Amazônia brasileira e a Guiana. Elas têm formas curiosas, cilíndricas, com radicais paredões cor de terra que sustentam imensos platôs. Parecem mesas imensas, e ficaram conhecidas como tepuis, palavra que significa montanha na língua dos índios pémons — um dos grupos de ancestrais habitantes da região. Com suas espécies vegetais e formações rochosas assustadoras que chegam a lembrar dinossauros, o Monte Roraima é o mais complexo, desafiador e misterioso dos tepuis.

Terra de lendas
e plantas exóticas

Como todos os tepuis desta região, o monte começou a ser desenhado há quase 2 bilhões de anos, quando nem sequer os continentes apresentavam seus contornos atuais. O topo do Roraima é um lugar sinistro, sem referências geográficas em qualquer outra região da Terra. O exército de pedras escuras do platô, com formas e dimensões distintas que variam conforme a luz, seria capaz de instigar a imaginação do mais duro dos escritores.

Muitos trechos dos seus 84 quilômetros permanecem intocados, seja pelas dificuldades de acesso ou pelas crenças indígenas que os isolam. Para se ter uma idéia, só em 1976 o primeiro homem — o escritor venezuelano Charles Brewer-Carias — desvendou o impressionante Vale dos Cristais, próximo ao ponto que marca a triplíce fronteira entre Venezuela, Guiana e Brasil. Já as lendas mantidas vivas pelos índios fazem com que muitos visitantes e estudiosos do lugar jurem já ter visto criaturas pré-históricas ou ouvido urros horrendos quando alojados próximos ao monte.

Mas os únicos seres vivos devidamente registrados no topo do Roraima são alguns insetos — entre eles a peculiar borboleta-tigre e o sapo *Oreophrynella quelchii*, que não sabe nadar ou saltar, só andar. Estima-se em pelo menos 400 tipos de bromélias e mais de 2 mil tipos de flores e samambaias a diversidade da flora. Isoladas ao longo de milhões de anos, forçadas a adaptar-se por causa da falta de nutrientes do solo, elas evoluíram em novas espécies — as bromélias, por exemplo, criaram surpreendentes hábitos carnívoros, alimentando-se de insetos.

Alvo de cobiça dos

novos exploradores

A Venezuela, dona de 60% da montanha, é a porta de entrada para esse fascinante laboratório a céu aberto. É em seu território que se encontra a rampa de acesso ao topo sem o uso de equipamentos de escalada. Assim, a rota venezuelana do Roraima segue alvo da cobiça de exploradores modernos — trekkers, alpinistas e aventureiros de toda sorte com disposição para esportes radicais. Dia a dia, o ano todo, eles encenam um movimento colorido nas ruas da pequena cidade de Santa Elena de Uáiren, com 10 mil habitantes, a capital da província venezuelana de Gran Sabana.

O Estado de Roraima, onde ficam 10% do monte, é por uma dessas curiosidades da geopolítica brasileira mais íntimo da Venezuela que do próprio Brasil. A não ser por via aérea, Roraima está quase isolada do resto do país.

Já a BR-174, que liga a capital Boa Vista à Santa Elena de Uáiren, está hoje muito bem asfaltada. Por ela, de carro ou de ônibus, muitos moradores de Boa Vista cruzam a fronteira entre os dois países no povoado de BV-8, sem a necessidade sequer de passaporte.

Do lado brasileiro,
um paredão tenebroso

Órgãos de turismo do Estado pensam em implementar uma via ao monte pelo lado brasileiro, através da reserva dos índios ingaricós e por vilarejos de garimpeiros, área que corresponde ao Parque Nacional de Monte Roraima. Trata-se de um projeto difícil, já que ainda não há meios conhecidos de acesso ao monte pela face sul — a não ser por escalada, um desafio tenebroso numa parede de 450 metros. Com altura vertiginosa e trechos de inclinação negativa, o paredão é de arenito e se desmancha facilmente com o uso de instrumentos de alpinismo. As encostas da face do Brasil são fechadas por florestas, o que dificulta a aproximação da parede.

Névoa aumenta
o clima de mistério

A partir de Paraytepuí, aldeia a 15 quilômetros do Monte Roraima, são dois ou três dias inteiros de caminhada pela savana venezuelana até o alto da rampa. Às margens do rio Tec — seis horas de caminhada a partir de Paraytepuí — avista-se o belo Cuquenán, tepuí irmão do Roraima, mas de exploração muito mais difícil, possível apenas em períodos de seca intensa. No verão, estação mais seca, é comum a fumaça das queimadas invadir os acampamentos da trilha.

A estiagem, porém, é um fenômeno raro. Chove regularmente ali durante pelo menos oito meses por ano. E mesmo de dezembro a março, época de pouca chuva, o Roraima vive envolto em nuvens, que criam um microclima especial, contribuindo com a atmosfera misteriosa e sombria. Além disso, as águas proporcionam a existência de cachoeiras espetaculares, como o famoso Salto Angel, no Ayuan Tepuí.

Macunaíma reina sozinho

O último obstáculo antes da chegada ao topo é a transposição de uma cachoeira, já no final da rampa. Não raro, os visitantes chegam a topo do monte e encontram lotado o famoso “hotel” — pequenas cavernas numa encosta rochosa relativamente protegidas do vento, do frio e da umidade implacável. Próxima do hotel, uma curiosidade: a pedra que simboliza um herói brasileiro, Macunaíma, de Mário de Andrade. Macunaíma — com o acento no a — é também o nome do deus supremo dos macuxis, índios que vivem na porção de floresta do lado brasileiro do Roraima. Com nome e história, esta pedra é um caso raro no platô de milhões de rochas anônimas.

Respeito à montanha

O marco branco piramidal que define a tríplice fronteira, um elemento totalmente estranho na paisagem, fica numa espécie de arena cercada por impressionantes formações. De um lado, o Vale dos Cristais, na Venezuela. De outro, o temido Labirinto, na Guiana. Próximo, outro caminho cheio de fendas e lagoas leva ao paredão do lado brasileiro. Muito além do labirinto fica o lago Gladys — assim batizado em homenagem a um lago citado em O Mundo Perdido, obra do escritor inglês Arthur Conan Doyle, que claramente se inspirou em relatos sobre o Monte Roraima para compor a atmosfera misteriosa de seu livro. Muitos índios garantem que o lago Gladys não existe. Os que o conhecem preferem não encarar um dia de trilha “suicida” a partir do ponto tríplice. O caminho ao lago é apenas um entre os muitos temores dos índios pémons, que exercem um estranho controle sobre a montanha.

A atual geração de nativos incumbida de guiar os visitantes parece encarar a tarefa com resignação e dor. O dinheiro do turismo é sua principal fonte de renda, mas eles parecem incomodados por uma relação de respeito à montanha. Assim, muitas vezes mostram-se dispersivos, observam calados os visitantes e recriminam a maioria de suas atitudes — como levar cristais de quartzo como souvenirs. Se os cristais valem dinheiro ou não, pouco interessa ali — e os índios sabem disso. Sob o olhar dos tepuis, a Terra evoluiu, mudou, moveu-se, esculpiu praias, montanhas e desertos, deslocou homens e impôs desafios. Anônima e eterna testemunha desta trajetória, o Monte Roraima é um lugar mágico onde o silêncio emite sons, as pedras se movimentam, a vida viaja num sopro de vento. E dinossauros existem, sim. Num mundo onde os sonhos e a imaginação estão acima de qualquer suspeita.